

## INSISTÊNCIA URBANA ou como ir ao encontro dos “imponderáveis da vida autêntica”

Alessia de Biase

Arquiteta urbanista e antropóloga, coordenadora do Laboratoire Architecture Anthropologie (LAA-LAVUE/CNRS) e professora da Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Paris la Villette (ENSAPLV)

Tradução: Paola Berenstein Jacques

*Você faz parte da paisagem da rua, como este lampadário*  
(WHYTE, 1995, p. 331)

Do latim *In+sistere*, estar fisicamente sobre alguma coisa, lhe dar importância. “Insistir” como escolha de ficar, de se fixar em um lugar, de voltar a cada dia e olhar o que se passa por um período. Na linguagem musical, uma insistência é justamente o ato de voltar ao mesmo lugar durante um período de tempo. Estar parado, fixo, sentado em algum lugar por um longo período é da ordem da insistência, quase da teimosia, com relação à moda de mobilidade e fluidez que caracteriza hoje as maneiras de apreender a cidade. Itinerários, caminhadas, derivas, deambulações, se multiplicam nos campos da arte, das ciências humanas e do urbanismo. Do lazer ligado à flanância do século

XIX, o caminhar se tornou nos últimos 20 anos (de maneira exponencial nos anos mais recentes) uma ferramenta científica bastante reconhecida que deu origem a alguns métodos de trabalho de campo, tidos como muito eficientes.<sup>1</sup> Assim se percorre a cidade em busca do que se quer fazer ver (métodos “promenades urbaines” ou “itinéraires”) ou em busca do que não se conhece e se quer descobrir (derivadas). Estas caminhadas traçam a cidade, e os itinerários – sejam eles escolhidos e calculados ou espontâneos e improvisados – formam linhas que a percorrem seguindo lógicas que as determinam,<sup>2</sup> como quando traçamos um plano em uma folha em branco.

Dentro desta lógica deambulatória se desenvolve uma visão diacrônica do espaço urbano: o tempo é aquele que se mede entre o início e o final da caminhada. Mesmo no caso das derivadas que não possuem objetivo preciso, o desdobramento temporal é similar: a cidade que se descobre entre o início e o final da caminhada, é a do tempo linear, uma sucessão temporal que responde a uma justaposição no espaço.

Mas o que quer dizer, neste mundo que caminha, parar? Estar fixo? Olhar a cidade sentado em algum lugar? Podemos falar em “falar a cidade” se não a percorremos?

## PARAR

Uma mudança de ponto de vista, é claro, mas sobretudo de postura.<sup>3</sup> Na caminhada o que aparece como acontecimento é o espaço e o encontro fortuito com as pessoas que se cruza, o que surge, quando se está sentado em qualquer lugar, ao contrário, é o tempo, que muda profundamente os lugares, as ações e relações humanas.



Cenas da Oficina

Autoria: Alessia de Biase.

Se uma caminhada se parece com uma narração, que tem um fio que se segue, ficar parado em algum lugar por um longo período – uma insistência – nos faz pensar, sobretudo, em uma colagem de pedaços de diferentes materiais que não se dá uma ordem, mas um ritmo. A cada dia tudo recomeça e nosso quadro se apaga um pouco, mas não completamente, e de novo volta a se completar e a se reanimar. Esta postura é caracterizada por uma visão do tempo decididamente cíclica e não linear: raramente se pode lembrar do começo e do fim desta prática. No começo tudo está misturado, feito de pequenos agenciamentos, gestos, olhares e táticas para encontrar o bom lugar e a boa situação. E raramente se vai embora de forma definitiva do lugar que se frequentou intensamente durante semanas e, frequentemente, “damos um pulo lá para saber se tudo está bem”...

Trata-se de colocar em teste durante a insistência o interesse por uma situação urbana para um possível trabalho de campo mais aprofundado. Uso a palavra “situação” pois ela junta tanto o registro espacial quanto o temporal e o interacional (AGIER, 2009, p. 40). Uma situação só existe se ela acontecer em um lugar, em um período de tempo e com pessoas que ali interagem, mas também se ela for percebida e reconhecida por outros como tal.<sup>4</sup>

Dentro do que nomeamos como um “pré-trabalho de campo” – pré-requisito para todo etnógrafo compreender onde ele está – esta insistência é uma maneira como outra de colocar em ação o que é fundador, no campo da Antropologia, da relação com o lugar: a “impregnação”, a “absorção” como a chama Piasere (2010) ao propor a metáfora do etnógrafo-esponja, ou a “sedimentação”. A insistência – estritamente herdada da prática

etnográfica iniciada pela Escola de Chicago, que levará ao que conhecemos como “observação participante” – pretende que na ação de se posicionar em um lugar se inicia toda uma compreensão das situações espaciais e sociais.

*No dia seguinte, Doc me explicou a lição da noite anterior. 'Vá devagar, Bill, com todos os seus 'quem', 'o quê', 'porquê', 'quando', 'onde'. Se você coloca questões deste tipo, é suficiente que você fique com eles e você vai acabar tendo as respostas sem precisar fazer as perguntas' Eu constatei que é verdade. Só por estar ali sentado e escutando, já tive respostas para perguntas que nem imaginaria perguntar se tivesse me informado somente a partir de entrevistas. (WHYTE, 1995, p. 329)*

## SE SENTAR...

Assim, para começar uma insistência, táticas são usadas para se achar o bom local para ficar e, em seguida, ser aceito, entrar em contato com aqueles que se tornarão “vizinhos”... Uma tática é diferente de uma estratégia, como sublinhava Michel de Certeau (1990), pela relação que ela faz entre tempo e espaço: se a segunda deve se instalar sobre um espaço preciso (ou uma instituição) e vencer sobre o tempo, a tática, ao contrário

*[...] depende do tempo, [ela é] vigilante para «apanhar no vôo» as possibilidades de ganho. [...] Ela precisa jogar constantemente com os acontecimentos para os transformar em 'ocasiões'. Sem cessar, o fraco deve tirar proveito das forças que lhe são estranhas [...] Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, ir ao mercado, cozinhar, etc.) são do tipo tática. (CERTEAU, 1990, XLVI)*

Nós não podemos esquecer essas práticas, menos cotidianas é verdade, mas que contudo ocupam os dias dos antropólogos, as práticas do trabalho de campo que são construídas graças ao que os Gregos chamavam *mètis*, uma inteligência situacional. (DETIENNE ; VERNANT, 1974)

À cada dia de insistência, tudo recomeça, leva-se sua cadeira, negocia-se sua própria presença, mesmo se ela é cada vez mais aceita e reconhecida, dá-se bom dia aos vizinhos, e assiste-se calmamente ao passar do tempo em um dia. Específico à insistência é o fato de se sentar sobre sua própria cadeira e não usar o mobiliário urbano. O motivo desta escolha é o de assumir de fato um lugar no espaço público, de afirmar sua presença e assim fazer surgir a curiosidade e o estupor nos outros que podem ser assim levados a vir nos encontrar, mais também para fazer compreender que estamos ali todos os dias fazendo algo e não se insinuando *incognito* no espaço público. Parar, pegar um lugar, criar um nó na cidade que se pretende continuamente em ação, fluída e rápida, faz de todos nós “suspeitos”, como dizia Pierre Sansot (1994, p. 127),<sup>5</sup> e a cadeira ou o banco, podem nos ajudar a dissimular este julgamento. Não se trata de um espetáculo, ou uma performance, trata-se simplesmente de significar sua presença, fazer o ordinário em posição extraordinária.

Estar em algum lugar, parados durante dias inteiros, nos obriga a conviver com sensações como o tédio, e a relação com seu próprio corpo... e é precisamente nesta relação, entre corpo e pensamento, que começamos a “interiorizar”, ou *encarnar* um lugar... é através desses longos momentos que aprendemos o *habitus* de um lugar, compreendemos as regras de boas maneiras, e sabemos do que falamos, como saudar os outros, como nos posicionamos no espaço público na vida de todos os dias.

## PROCURAR UM “DENTRO” E AÍ PEGAR UM LUGAR

Ter empatia por um lugar, como se tem empatia por alguém, quer dizer se “sentir dentro” (PIASERE, 2010, p. 174), fazer suas as emoções do outro. A simpatia, lembremo-nos, é o “sentir por” uma outra pessoa sem partilha, nem de emoções nem de ação mimética. A empatia, diferentemente, é um estado interior de abertura e de disponibilidade. Mas o que quer dizer ter empatia por um lugar?

Trata-se principalmente da atenção e não da capacidade de conhecimento: olhar o que o tempo faz ao espaço, aos corpos das pessoas presentes e às trocas que acontecem. Procurar um “dentro”, ter empatia, significa construir um olhar do interior, próximo, contextualizado e por pequenos elementos. Um olhar que deve reter um movimento que, de fora, de uma dimensão macro ou da grande escala, torna fácil qualquer julgamento ou posicionamento frequentemente preconcebido. (DE BIASE, 2013)

Nós sabemos, por nossa experiência cotidiana, que os “quase-nada” contribuem para a construção da imagem e do imaginário de um lugar, e que sequências de pequenos gestos quase inúteis mais necessários preenchem a nossa vida urbana de todos os dias. Esses “quase-nada” que Malinowski, no início dos *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1963) chamará de “imponderáveis da vida autêntica”:<sup>6</sup>

*Existem vários fenômenos de grande importância que não podem ser recolhidos através de questionários ou da análise de documentos, mas que têm de ser observados em sua plena realidade. Chamemo-lhes de “imponderáveis*



Cenas da Oficina  
Autoria: Alessia de Biase.

*da vida autêntica". São coisas como a rotina do trabalho cotidiano, os pormenores relacionados com a higiene corporal, a maneira de comer e de cozinhar; a ambiência das conversas e da vida social em volta das fogueiras do vilarejo, a existência de amizades ou de hostilidades e os fluxos dessas simpatias e desagradados entre as pessoas, o modo sutil mas inequívoco como as vaidades e ambições pessoais têm reflexos sobre o comportamento do indivíduo e as reações emocionais de todos os que o rodeiam. Todos estes fatos podem e devem ser cientificamente formulados e registrados...*

Estabelecer uma intimidade, dizia Patrick Geddes, entre as pessoas ou com um lugar se faz pela partilha e o reconhecimento de pequenas coisas (FERRARO, 1998, p. 199), de vestígios que sejamos capazes de ler ou de entrever graças à experiência e ao conhecimento da pessoa ou do lugar. Várias vezes, durante outros trabalhos de campo, as pessoas que eu entrevistava preferiam, a partir de um certo momento da conversa – quando a antropóloga é vista como alguém da família – partilhar comigo o prazer do detalhe, o que ninguém, que não more naquele lugar, poderia compreender. A partilha do *imponderável da vida autêntica* sempre me emocionou e me fez pensar sobre seu valor subjacente à minha aceitação completa em algum lugar ou grupo. (DE BIASE, 2013)

### SE DAR O TEMPO PARA...

Para chegar a fazer “pequenas arqueologias dos lugares”, pois trata-se exatamente de buscar os vestígios, recompor gestos, posturas, olhares e pedaços de narrativas, para compreender como os lugares funcionam ou as lógicas de certas situações, é preciso se dar um tempo, não ser im-

paciente. Se sentar e olhar. Perder tempo, muito tempo, como diz Olivier de Sardan (1995, p. 64) “para compreender que esses tempos perdidos eram tempos necessários”

O lento passar dos dias, passados a olhar ou a se impregnar, permitem começar a apreender como se organiza e quais são os ritmos de um espaço, como as pessoas ficam ali, agem e se apropriam, ou o evitam.

Este período de insistência deve necessariamente ultrapassar um dia (e bem além) pois de outra forma não seria um ato de insistir e, assim, esta se tornaria uma experiência eventual que poderia levar a acreditar que se conhece um lugar por ter passado algumas horas nele mas, na realidade, essa experiência pode se revelar superficial e anedótica. O curto período não permite perceber e sentir os ritmos cotidianos e semanais, o que só pode ocorrer após um longo período; ele mostra cada evento como único e não como um conjunto que poderíamos nomear como a “coreografia” cotidiana de um lugar, que recomeça a cada dia e que buscamos decifrar; enfim, ele impede, pela ausência de tempo, um reconhecimento tanto das pessoas frequentadoras do lugar – pois em um dia, só vemos passantes – quanto de nossa presença no lugar por aqueles que só nos viram uma vez. Este último ponto é cada vez mais importante uma vez que ele transforma uma prática que poderia parecer solipsista em um encontro social: o tempo transforma os passantes em atores desta coreografia e sucessivamente em “vizinhos” com quem podemos comentar e compreender os fatos e as pequenas variações da situação escolhida. Nesta permanência longa, ocorre a mudança fundamental quando nosso olhar começa a se abrir não somente ao que nós somos levados a olhar



Cenas da Oficina

Autoria: Alessia de Biase.

por nossa história e cultura – “o que nós vemos só vale – só vive – em nosso olhos pelo o que nos olha” diz Didi-Huberman (1992, p. 9) – mas também ao que nós aprendemos a perceber neste lugar graças ao tempo que ali passamos. Desarmar nossos olhos para começar a ver. ■

## NOTAS

- 1 Dentro das “SHS” (n.t.: ensino de ciências humanas e sociais nas Escolas de Arquitetura na França), os “itineraires” de Jean Yves Petiteau ou a “promenade commentée” de Jean Paul Thi-baud (n.t.: métodos de apreensão da cidade que podem ser encontrados no livro *L'espace urbain en méthodes*, Marselha, Parenthèses, 2001), mas também dentro de uma abordagem urbanística sensível encontramos “traversées” e “derives” como ferramentas de projeto.
- 2 Mesmo no caso das derivas psicogeográficas situacionistas (e de seus herdeiros de hoje), as lógicas abstratas regem completamente o percurso da caminhada.
- 3 Falo de “postura” pois trata-se de corpo tanto para a caminhada quanto para a insistência.
- 4 Uma importante corrente da antropologia urbana, a escola de Manchester, fundada por Clyde Mitchell nos anos 1940-50 no Rhodes-Livingstone Institute (Zâmbia), vai criar o que chamamos de “enfoque situacional” e vai construir sua diversidade na análise de fenômenos sempre cruzando três registros (espaço, tempo e interação) para compreender as lógicas e não mais as estruturas subjacentes das sociedades. O famoso artigo *Kalela Dance* de Mitchell (1956) mostra como através da análise de uma dança tribal executada na cidade, por cidadãos africanos de uma cidade mineira da África meridional, é possível compreender as relações sociais que são tecidas e construídas em uma sociedade urbana, em Cop-perbelt, nos anos 1950.
- 5 Agradeço Maria Anita Palumbo por esta sugestão bibliográfica.
- 6 n.t.: Traduzido na versão portuguesa deste livro como: “*imponderabilia* da vida real”, guardamos a tradução literal do livro em francês, como propôs a autora deste texto.

- 7 n.t.: relativo a “coro” (do grego Khôros): “espaço, lugar, localização (no espaço e no tempo)”; ocorre em vocábulo, originário dos gregos, corografia (Khôrographia).

## REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Esquisses d'une anthropologie de la ville*. Lieux, situations, Mouvements. Louvain-la-Neuve: Bruylant Academia. 2009
- BIASE, Alessia de. *Appréhender la ville. Vers une anthropologie de la transformation urbaine*. Paris: Donner Lieu. 2013.
- CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien*. 1. Arts de faire. Paris: Gallimard. 1990 [1980].
- DETIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *Les ruses de l'intelligence: La mêtis des Grecs*. Paris: Flammarion. 1974.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ce qui nous voyons, ce qui nous regarde*. Paris: ed. de Minuit. 1992.
- FERRARO, Giovanni. *Rieducazione alla speranza*. Patrick Geddes planner in India, 1914-1924. Milan: Jaca Book. 1998.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Les Argonautes du Pacifique occidental*. Paris: Gallimard. 1989, [1922].
- MITCHELL, Clyde. *The Kalela dance: Aspects of social relationships among urban Africans*. In: \_\_\_\_\_. The Rhodes-Livingstone Institute, Manchester: Manchester University Press, 1956.
- OLIVIER DE SARDAN, Jean-Pierre. Politique de Terrain. Sur la production des données en anthropologie. *Enquête*, n° 1, Marseille: Editions Parenthèses. 1995. p. 71-112. PIASERE, Leonardo. *L'ethnologue imparfait*. Expérience et cognition en anthropologie. Paris: Editions de l'EHESS. 2010 [2002].
- SANSOT, Pierre. *Poétique de la ville*. Paris: Méridiens Klincksieck. 1994 [1984].
- WHYTE, William Foote. *Street corner society, la structure sociale d'un quartier italo-américain*. Paris: La Découverte. 1995 [1943].